

ENSINO E APRENDIZAGEM BILÍNGUE DE ESTUDANTES SURDOS NO PIBID: DESAFIOS E CONSQUISTAS

Anna Luísa Venancio Da Silva Barreto ¹
Bárbara Passos Uchôa ²
João Ricardo Oliveira de Carvalho Tassy ³
Letícia de Sousa Santos ⁴
Karoline Santos Rodrigues ⁵

RESUMO

Este artigo é um relato de experiência vivenciado no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), realizado na Escola Bilíngue de Libras e Português Escrito do Plano Piloto (EBPP), situada em Brasília, Distrito Federal. A escola atende estudantes surdos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, em um contexto educacional que adota o modelo bilíngue, no qual a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é utilizada como língua de instrução (L1) e o Português escrito como segunda língua (L2). O contexto linguístico da sala de aula é construído com base na Libras, sendo ela o principal meio de comunicação e ensino. As atividades são planejadas com foco em recursos visuais, uso de imagens, sinalizações, vídeos e estratégias acessíveis, respeitando o tempo de aprendizagem de cada estudante e promovendo um ambiente mais inclusivo e significativo. Esse modelo fortalece não apenas o aspecto pedagógico, mas também a valorização da cultura surda. Um diferencial importante da escola é a presença de professores surdos no quadro funcional, o que contribui diretamente para a construção da identidade surda dos alunos. Essa representatividade é essencial para que os estudantes se reconheçam dentro do espaço escolar e compreendam a Libras como uma língua legítima e valorizada socialmente. A participação no PIBID permitiu aos bolsistas uma imersão prática significativa, ampliando a compreensão sobre os desafios e as possibilidades do ensino bilíngue. A atuação direta com os estudantes, mediada por professores surdos e ouvintes, proporcionou momentos de reflexão e aprendizado coletivo. Essa vivência reforçou o papel do professor como agente de inclusão e defensor dos direitos linguísticos e culturais da comunidade surda, contribuindo para uma formação docente mais consciente, sensível e comprometida com a diversidade.

Palavras-chave: PIBID, Letramento bilíngue, Educação de surdos, Formação docente, Libras.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia do Centro Universitário UDF - DF, annaluisasilva12@gmail.com, PIBIDiana;

² Graduanda do Curso de Letras inglês-português do Centro Universitário UDF - DF, bpassosuchoa@gmail.com, PIBIDiana;

³ Graduando do Curso de Pedagogia do Centro Universitário UDF - DF, joaoricardo.tassy@gmail.com, PIBIDiano;

⁴ Graduanda do Curso de Pedagogia do Centro Universitário UDF - DF, leticiasantosnz@gmail.com, PIBIDiana;

⁵ Supervisora Karoline Santos Rodrigues Mestra Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), ksr.karol@gmail.com.





INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a educação inclusiva tem ganhado destaque no cenário educacional brasileiro, impulsionada por políticas públicas que buscam garantir o acesso e a aprendizagem de estudantes com deficiência. Nesse contexto, a surdez se apresenta como um dos principais focos de atenção, exigindo uma proposta pedagógica que reconheça a singularidade linguística e cultural da comunidade surda. A docência bilíngue, que articula a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua e a Língua Portuguesa escrita como segunda, surge como estratégia fundamental para promover a equidade educacional.

Importantes normativas legais sustentam essa perspectiva, como a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002), que reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão, e o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005), que regulamenta seu uso no âmbito educacional e define diretrizes para a educação bilíngue de surdos. Essas legislações destacam a necessidade de assegurar a comunicação em todas as etapas da educação, tendo a Libras como principal língua de acesso ao conhecimento.

A formação de professores para atuar nesse modelo exige mais do que uma base teórica sólida; requer vivências práticas que contribuam para o desenvolvimento de saberes específicos, sensíveis às particularidades da surdez, aos desafios da inclusão e aos aspectos da cultura surda. É nesse cenário que o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) se insere como uma iniciativa estratégica, permitindo que licenciandos tenham contato direto com a realidade escolar desde os primeiros momentos de sua formação. Por meio da inserção em escolas públicas, os bolsistas enfrentam os desafios e vivenciam as conquistas da prática docente, construindo conhecimentos pedagógicos a partir da interação com os alunos e da análise crítica de suas próprias ações.

O PIBID estimula, assim, a articulação entre teoria e prática, promovendo reflexões sobre o que funciona no contexto escolar, o que pode ser aprimorado e como adaptar estratégias para diferentes perfis de estudantes, incluindo aqueles inseridos a educação bilíngue. Ainda que os avanços legais tenham ampliado as garantias educacionais para





para pessoas surdas, as oportunidades de formação específica para a docência bilíngue ainda são limitadas. Por isso, o PIBID configura-se como um espaço formativo de grande relevância, ao contribuir para a construção de saberes docentes voltados à inclusão e à valorização da diferença.

A pesquisa aqui apresentada tem como objetivo analisar os processos de ensino e aprendizagem vivenciados por pibidianos no contexto da docência bilíngue com estudantes surdos, tendo como campo principal de investigação a Escola Pública Integral Bilíngue Libras e Português Escrito do Plano Piloto (EBPP), em Brasília. Os dados foram coletados por meio de observações em sala de aula, registros reflexivos das bolsistas e conversas informais com professores supervisores e coordenadores.

Nesse contexto, o PIBID permite que estudantes da licenciatura tenham seu primeiro contato prático com o ambiente escolar e aprendam a lidar com a diversidade dos alunos, bem como com os desafios e conquistas do meio desde o início da formação, incentivando a construção de saberes pedagógicos a partir das interações com as crianças. Isso possibilita que os licenciandos analisem o que deu certo, o que pode ser melhorado e como adaptar as estratégias para diferentes contextos, incluindo o contexto bilíngue. Dessa forma, o programa promove o diálogo entre os conhecimentos teóricos adquiridos nos cursos de formação e a prática vivenciada nas escolas.

O PIBID é de extrema importância e merece maior reconhecimento, pois, apesar dos avanços legislativos e pedagógicos, ainda são escassas as oportunidades de formação específica para a docência bilíngue no contexto da surdez.

Ainda que desafios como a insegurança com a Libras e a escassez de recursos visuais se façam presentes, os resultados indicam que a vivência no programa contribuiu significativamente para o desenvolvimento de competências pedagógicas alinhadas à educação inclusiva, destacando os saberes construídos e os obstáculos enfrentados durante essa experiência formativa. A pesquisa buscou compreender como os saberes docentes foram sendo construídos ao longo da atuação no programa.

Conclui-se que o PIBID se configura como um espaço formativo potente para a docência bilíngue, ao permitir que os futuros professores aprendam a ensinar com os estudantes surdos, e não apenas sobre eles, a partir de uma perspectiva que valoriza suas especificidades linguísticas e culturais. A construção de saberes docentes nesse processo





revela-se, assim, como um caminho promissor para o fortalecimento da educação inclusiva e a transformação das práticas pedagógicas nas escolas públicas brasileiras.

METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida neste artigo caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória, realizada no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), na Escola Bilíngue de Libras e Português Escrito do Plano Piloto (EBPP), localizada em Brasília, Distrito Federal. Para a coleta de dados, utilizou-se a técnica de observação participante durante as atividades escolares, complementada pela elaboração de registros reflexivos semanais pelas bolsistas participantes do programa.

Adicionalmente, foram realizadas conversas informais com os professores supervisores e coordenadores da escola, com o objetivo de aprofundar a análise sobre os desafios e as conquistas observadas. A análise dos dados ocorreu de forma descritiva, utilizando categorias temáticas, tais como: interação em Libras, acesso ao conteúdo escrito em Língua Portuguesa, adaptações pedagógicas e práticas inclusivas.

Todos os procedimentos respeitaram os princípios éticos da pesquisa em educação, garantindo o anonimato dos participantes e a preservação de suas identidades. Ressalta-se que não foram utilizadas imagens ou gravações audiovisuais, priorizando-se as observações no ambiente pedagógico. A pesquisa foi devidamente aprovada pela Comissão de Ética em Pesquisa da instituição, assegurando sua conformidade com as normativas éticas e de proteção aos participantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação bilíngue para estudantes surdos no Brasil é respaldada por importantes marcos legais, como a Lei nº 10.436/2002 e o Decreto nº 5.626/2005, os quais reconhecem a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação e estabelecem diretrizes para sua implementação no âmbito educacional. Essa abordagem valoriza a Libras como primeira língua, reforçando a identidade e a cultura surda.





Nesse modelo, a Libras constitui o eixo central da comunicação e do processo de ensino-aprendizagem. Como destacam Quadros e Schmiedt (2006), a aquisição da língua de sinais como L1 é essencial para o desenvolvimento cognitivo, social e linguístico dos estudantes surdos, pois possibilita o acesso ao conhecimento de forma plena. Em complemento, Fernandes (2015) ressalta que o ensino da Língua Portuguesa escrita como L2 deve considerar metodologias específicas, pautadas no letramento visual e bilíngue, respeitando os tempos de aprendizagem e as estratégias visuais dos alunos surdos.

Skliar (1998) acrescenta que a representação linguística e cultural no espaço escolar contribui significativamente para que os estudantes se reconheçam como sujeitos de direitos, fortalecendo sua autoestima e o sentimento de pertencimento à comunidade surda. Essa valorização cultural transcende o aspecto linguístico, configurando-se como prática de resistência e afirmação identitária.

No que se refere à formação de professores, Gatti (2010) argumenta que o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) possibilita o desenvolvimento de competências docentes por meio da articulação entre teoria e prática, promovendo reflexões críticas sobre a inclusão e sobre o papel do professor como mediador no processo educativo.

Nesse sentido, o PIBID emerge como um espaço formativo estratégico, ao proporcionar aos licenciandos o contato com a realidade escolar desde o início de sua formação. A aproximação com o cotidiano da escola pública, especialmente no contexto bilíngue, favorece a construção de saberes docentes contextualizados. Ao vivenciar a educação bilíngue, os pibidianos desenvolvem competências pedagógicas, atitudes empáticas e estratégias visuais que respondem às necessidades dos estudantes surdos, contribuindo para uma formação docente mais completa e alinhada aos princípios da inclusão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante nossa vivência no PIBID na Escola Bilíngue de Libras e Português Escrito do Plano Piloto, pudemos perceber muitos aprendizados e também alguns desafios. Estar na escola nos confrontou com uma realidade anteriormente conhecida apenas em nível teórico. A prática com estudantes surdos nos fez refletir bastante sobre a importância da inclusão e da valorização da Libras como primeira língua.

Um dos pontos que mais sentimos dificuldade foi na comunicação em Libras. Por ainda estarmos em processo de aprendizagem da língua, em alguns momentos nos sentimos inseguros, com receio de não conseguir nos expressar ou compreender os alunos com clareza.





Esse sentimento nos fez refletir sobre como estudantes surdos podem se sentir em ambientes escolarizados apenas em português oralizado.

Skliar (1998) nos ajuda a entender que a surdez não deve ser tratada como ausência, mas como uma diferença linguística e cultural. Quando compreendemos isso, percebemos que o

papel do professor não é apenas adaptar conteúdos, mas criar práticas que valorizem essa diferença. A nossa insegurança ao lidar com uma segunda língua nos levou a pensar que os estudantes surdos enfrentam esse tipo de desconforto com muito mais frequência, principalmente quando não encontram um ambiente escolar acolhedor e visualmente acessível.

Sueli Fernandes (2015), ao discutir o letramento bilíngue, destaca que o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para surdos deve estar alinhado com práticas que considerem o modo visual de aprendizagem desses estudantes. Assim, passamos a valorizar ainda mais o uso de recursos visuais, expressões corporais e materiais concretos em nossas intervenções. A experiência de enfrentar essa barreira linguística, mesmo que em menor escala, nos ensinou que a construção de um espaço bilíngue exige preparo, escuta e respeito às diferentes formas de linguagem.

No entanto, com o passar dos dias e a convivência, estamos criando mais confiança e também buscando formas alternativas e visuais de nos comunicar. Também enfrentamos desafios na hora de pensar e adaptar materiais didáticos. Muitas vezes, os recursos disponíveis não eram adequados à realidade dos alunos surdos, e isso exigiu que fôssemos criativos e adotássemos estratégias diferenciadas, levando em conta o uso de imagens, cores, Libras e outros elementos visuais.

Essa falta de materiais específicos para o ensino bilíngue não é uma dificuldade nova. Erica G. Lourenço e Larissa D. de J. Coelho (2021) discutem que, mesmo com o avanço das políticas de inclusão, ainda há uma carência significativa de recursos pedagógicos voltados para a educação de surdos. Os materiais existentes muitas vezes não consideram as particularidades linguísticas da Libras como primeira língua, nem as necessidades visuais dos estudantes.

Viver isso na prática nos fez perceber que a acessibilidade não pode depender apenas da boa vontade do professor ou da improvisação em sala de aula. É necessário que as políticas





públicas garantam a produção e a circulação de materiais bilíngues de qualidade, pensados desde o início para atender esse público com equidade.

Com isso, percebemos que a acessibilidade vai muito além de traduzir o conteúdo: é preciso pensar em como tornar o aprendizado realmente significativo para os estudantes.

“As reflexões sobre as questões linguísticas dentro do espaço escolar têm mostrado uma tendência bilíngue para a educação de surdos. Esse método pedagógico considera a

língua brasileira de sinais (Libras) como língua de instrução, e o ensino da língua portuguesa, como segunda língua, na modalidade escrita.”
(OLIVEIRA; FIGUEIREDO, 2017, p. 177)

Ao longo desta vivência, fomos compreendendo que ensinar estudantes surdos vai muito além da simples adaptação de conteúdo. Essa prática exige criatividade, inovação e, sobretudo, disposição para aprender com os próprios alunos — com suas expressões visuais, suas formas de perceber o mundo e sua cultura. Nesse processo, enfrentamos desafios como a insegurança linguística em Libras e a escassez de materiais didáticos específicos para esse público.

Essas dificuldades nos impulsionaram a buscar soluções criativas e colaborativas, resultando na construção de diversos materiais concretos, como um alfabeto em Libras feito em papelão; um brinquedo também em papelão com sílabas em Libras, no qual as crianças deveriam relacioná-las às sílabas correspondentes em português; e um calendário em Libras, confeccionado com velcro, permitindo que os dias da semana, os meses e as estações do ano fossem removidos e reposicionados conforme as atividades pedagógicas.

Além desses, produzimos uma garrafa sensorial; fichas perfuradas voltadas ao desenvolvimento da coordenação motora fina e da contagem; fichas com vogais e consoantes; cartas com sinais dos animais; e um jogo da memória com sinais relacionados à festa junina. Outros materiais também foram elaborados com base nas necessidades observadas em sala de aula, sempre priorizando recursos visuais, manipuláveis e que promovessem a participação ativa dos estudantes surdos. Ainda assim, foi justamente essa aproximação com os estudantes surdos e com suas formas singulares de significar o conhecimento que nos possibilitou ressignificar o próprio ato de ensinar em um contexto bilíngue e visual.



Participar do PIBID tem sido uma experiência muito importante para a nossa formação como futuros professores. Estar em uma escola bilíngue, convivendo com estudantes surdos e acompanhando de perto a rotina escolar, nos fez perceber muitas coisas que não aprendemos só nos livros, em artigos científicos ou nas aulas da faculdade.

Este artigo teve como objetivo analisar os processos de ensino e aprendizagem vivenciados por pibidianos no contexto da docência bilíngue com estudantes surdos, a partir da

experiência na Escola Bilíngue de Libras e Português Escrito do Plano Piloto (EBPP), em Brasília.

Acreditamos que esse objetivo foi alcançado, na medida em que pudemos refletir criticamente sobre os desafios enfrentados, as estratégias desenvolvidas e os aprendizados construídos ao longo do processo, tanto no aspecto pedagógico quanto na formação humana.

Durante o primeiro semestre de 2025, como pibidianos, enfrentamos dificuldades, como a insegurança em nos comunicar em Libras e a falta de materiais adaptados para o público surdo. Mas, mesmo com os desafios, conseguimos aprender muito em cada momento vivido, com cada aluno e com cada troca com os professores e colegas da escola. Esses aprendizados têm nos ajudado a entender melhor como funciona a educação bilíngue para surdos e, principalmente, como podemos contribuir para que ela aconteça de verdade.

Ainda estamos em processo de formação, aprendendo e nos desenvolvendo como professores. Sabemos que temos muito a melhorar, muito a aprender e que ser professor é ser um eterno aprendiz, mas também reconhecemos o quanto já evoluímos desde que começamos no PIBID. Essa vivência nos ajudou a perceber que ensinar também é estar disposto a aprender todos os dias, com os alunos, com a escola e com a própria prática.

Acreditamos que o PIBID é uma oportunidade única e necessária para quem está se formando para ser professor. Ele nos aproxima da realidade da educação pública e nos desafia a pensar em práticas mais inclusivas, humanas e sensíveis à diversidade dos estudantes.

O PIBID é de extrema importância e merece maior reconhecimento, pois, apesar dos avanços legislativos e pedagógicos, ainda são escassas as oportunidades de formação





específica para a docência bilíngue no contexto da surdez. Conclui-se que o PIBID se configura como um espaço formativo potente para a docência. Esperamos que mais estudantes tenham a chance de passar por experiências como essa e que, no futuro, possamos continuar contribuindo com uma educação mais justa, acessível e acolhedora para todos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, primeiramente, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que possibilitou a vivência prática relatada neste artigo.

Nosso reconhecimento especial vai à equipe gestora da escola, aos professores supervisores, coordenadores e aos estudantes surdos, cuja participação e acolhimento foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Estendemos nossa gratidão aos nossos colegas pibidianos, que têm caminhado conosco nesta jornada formativa. Cada troca de ideia, cada conversa, cada desafio compartilhado, dentro e fora da escola contribuiu para tornar essa experiência mais significativa, leve e humana.

Somos imensamente gratos pela parceria, pelo apoio mútuo nos momentos difíceis e pelo comprometimento coletivo com nosso crescimento como futuros professores. Estar ao lado de vocês tem feito toda a diferença. Seguimos aprendendo juntos, com respeito, amizade e a certeza de que a educação se constrói em equipe.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 2005.





FERNANDES, Sueli F. Letramento bilíngue e ensino de português para surdos. In: FERNANDES, Sueli F. Práticas de letramento na educação bilíngue para surdos. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 2006. p. 45–77.

GARRUTTI-LOURENÇO, Érica Aparecida; COELHO, Larissa Daniele de Jesus. Iniciação à docência no contexto da educação bilíngue para alunos surdos. Revista Horizontes, v. 39, n. 1, e021014, 2021. DOI: 10.24933/horizontes.v39i1.1029. Disponível em: [TEXTO](#).

Acesso em: 29 jul. de 2025
<https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/download/1029/534>

OLIVEIRA, Quintino Martins de; FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma. Educação dos surdos no Brasil: um percurso histórico e novas perspectivas. Revista Sinalizar, Goiânia, v. 2,

n. 2, p. 173–196, jul.-dez. 2017. DOI: 10.5216/rs. v2i2.50544. Disponível em: [TEXTO](#).
Acesso em: 30 jul. 2025. <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/50544>

SKLIAR, Carlos. A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

